

TCR 00001

CEDI

1.622

11/4/75



DE UM TIPO DE CIPÓ (ITU), OS ÍNDIOS DO ALTO AMAZONAS PREPARAM SUA ARMA IDEAL PARA CAÇAR

JOÃO AMÉRICO PERET  
MEMÓRIAS DE UM SERTANISTA — IV

# CURARE O VENENO QUE MATA DEVAGAR

No Alto Amazonas, na "Província dos Venenos", João Américo Peret esteve com os Tukuna. Durante a estada na tribo, conheceu um dos mais poderosos venenos do mundo — o curare —, que os índios utilizam em suas caçadas. A importância de tal mistura está no fato de paralisar o animal, matando-o por asfixia, não impedindo que sua carne seja digerida logo depois. Apenas quando se acrescentam outras substâncias, o curare torna-se mortal. O que somente ocorre em tempo de guerra.

Relato a JOAREZ FERREIRA



Foi no começo de outubro de 1963. Eu estava no Pôsto Indígena Benjamin Constant, a oeste do Rio Solimões, no extremo norte do Amazonas, organizando a expedição. Tudo pronto, entramos — eu e quatro índios Tukuna integrados — no afluente direito do Solimões, o Rio Itacuí, já na fronteira com o Peru, e rumamos com destino ao aldeamento dos Tukuna. Logo que avançamos um pouco no rio, que é muito encachoeirado, por descuido do piloto, a **montaria** (canoa) bateu contra uma pedra, alagando. A canoa afundou. A primeira coisa que me saltou das mãos, no choque, foi a minha máquina **Leika**. Fiquei nervoso. O local era profundo e somente os objetos que estavam encauchados (envoltos em sacos de borracha usados pelos seringueiros) boiaram. Retiramos tudo da água e pusemos a secar. Mergulhei para ver se retirava uma carabina, mas não consegui por causa da profundidade da água e também da forte correnteza. Dormimos ali, reiniciando a viagem de madrugada. Dois dias depois chegamos à aldeia, que fica próxima da margem.

Na hora em que aportamos, os índios correram para o mato. Quando o intérprete entrou em ação, um dos índios da tribo, vendo que havia entre nós elemen-

# CURARE

**A vantagem  
do curare está em  
abater a  
caça silenciosamente,  
sem sofrimento,  
permitindo que se  
coma sua carne**

**Crianças da tribo  
Tukuna assando a caça que  
foi abatida com curare. O veneno não  
penetra no sangue do animal,  
apenas o paralisa.**

tos do seu grupo, aproximou-se. O intérprete perguntou-lhe por que todos haviam fugido, e ele disse pensarem que fôssemos bandoleiros da fronteira. Tudo esclarecido, os índios se chegaram. Perguntei ao tuxaua (cacique) se eram peruanos, e ele, que se identificou como Pedro Tukuna (não me foi possível saber seu nome indígena, bem como de outros com os quais mantive contato direto), disse que não, que eram brasileiros, pois tinham aprendido a falar português com os caçadores de peles, pescadores e seringueiros da região. Informei-lhe que eu era do Serviço de Proteção aos Índios e ele declarou já ter ouvido falar no Serviço, mas que nunca tinha visto alguém dêle. E completou: — Que bom! Até que enfim apareceu você.

## PANELÕES DE CURARE

Depois dêsse entendimento, os índios transportaram o resto do nosso equipamento para uma das choças da aldeia (eram três, cada uma comportando em média 20 pessoas). Ofereceram-nos **caapi** (bebida alcoólica fermentada) servida em cuia, que passou de bôca em bôca. Todos beberam, até as crianças. Aproveitei para fazer o recenseamento, mas eles se negavam a dar o nome no



dialeto, porque se orgulhavam do nome cristão (adotado por conta própria, sem batismo), mostrando, assim, que já se consideravam civilizados.

Mais tarde, fui atraído para um recanto onde duas mulheres velhas alimentavam o fogo para duas grandes panelas. Em cada panelão caberia perfeitamente um homem acororado. A primeira lembrança que me veio foi de duas bruxas preparando suas poções mágicas. Lembrei-me também das piadas sobre caçadores brancos aprisionados por tribos africanas. Senti, nessa hora, ter perdido a minha máquina fotográfica.

Alguns índios me acompanharam ao local onde estavam as velhas e me esclareceram que elas preparavam o **urari**, acrescentando que essa operação era sempre feita por mulheres velhas, consideradas por eles imprestáveis, pois os gases desprendidos pela droga eram altamente perigosos. Um dos índios mostrou-me ramos do cipó usado na bebida e explicou o processo de preparação.

#### PREPARAÇÃO DO CURARE

Cortam o **itu** (cipó) em pequenos pedaços, que são esmagados num pilão especial. A seguir, trazem a água de fonte ou igarapé distante da aldeia (por credence,

a água usada para o preparo do curare não pode ser a mesma de banho e bebida). Durante o transporte da água, o vaso é depositado muitas vezes no chão, a fim de assentar bem, pois a água deve estar muito limpa para a preparação do **urari**. Colocam todos os pedaços do cipó na água e deixam em infusão por um ou mais dias, e só depois é que coam a mistura e a depositam no panelão, que tem capacidade de 40 litros. A mistura é fervida, sempre em fogo bem vivo, durante vários dias, até ficar bem concentrada, tornando-se uma pasta. Dos 40 litros restam apenas três de pasta, que é depositada em potinhos de cerâmica, pedaços de bambu, rabos de tatu e chifres, tampados com palha ou casca de madeira.

Alguns índios aproveitam essa oportunidade para envenenar dardos, flechas e punhais (simples estiletes de fibra de palmeira muito resistente). Fazem, então, pequenas incisões oblíquas nas pontas das flechas e dardos, para que se quebrem dentro do corpo da vítima. Passam o **urari** em apenas cinco centímetros da ponta. Em seguida, as armas são guardadas em estojos especiais. Os dardos das zarabatanas são colocados em aljavas (recipientes de cipó com formato de vaso). Os dardos medem 30/40 centí-

metros, quase sempre feitos de longos espinhos de palmeira ou fibras de paxiúna. A zarabatana, propulsora dos dardos, chega a medir quatro metros, tendo, inclusive, alça de mira, feita com dentes recurvados de cutia ou capivara nova.

#### CAÇA COM CURARE

Os índios tinham boa quantidade de curare pronto e, assim, dois dias depois de nossa chegada, fomos a uma caçada, na qual eles usariam o seu veneno. O orvalho ainda molhava o capim quando iniciamos a marcha para uma região, na mata, em que havia muitas árvores frutíferas, local ideal para a espera de todo tipo de caça. Fomos eu e cinco índios — um armado de zarabatana e os outros com arcos e flechas. Os índios escolheram um esconderijo entre as folhagens de uma árvore, e ali ficamos à espreita. A zarabatana, disfarçadamente apoiada num galho. Não esperamos muito, pois logo apareceu um bando de macacos, que se alojaram num grande jatobazeiro, para comer a massa dos frutos.

O índio pegou o dardo, passou a ponta na língua (molhando o **urari**), colocando-o na zarabatana e, aparentemente com pouco esforço, soprou. O dardo atingiu o macaco, abatendo-o silenciosa-

faça  
como eu,  
use  
somente  
pilhas

**RAY-O-VAC**

"as amarelinhas"

RAY-O-VAC  
"a amarelinha"

Assim, sem que os outros se assustassem, foram abatidos nove macacos com exatamente nove dardos. (Notei que o macaco atingido ficava imediatamente imobilizado, o que não ocorre quando ferido a bala. Seus músculos não reagem e ele se desprende do galho, caindo pesadamente.) Recolhemos os macacos e continuamos à espera de outra caça, para variar o cardápio.

Passados alguns minutos, surgiu um veado mateiro, que veio comer frutos de catuaba espalhados no chão. Um índio acertou-o com uma flecha. (Eu estava bem perto e pude observar os movimentos de reação do animal. Quando a flecha penetrou, ele deu um salto, mas não andou mais que uns cinco passos. Seu corpo todo tremia e ele levantava o dorso como se estivesse procurando melhor apoio, até que suas pernas dobraram e ele deitou-se normalmente. Cheguei mais perto e observei que suas carnes ainda tremiam, mas aos poucos foi relaxando até adormecer. Não apresentava sintomas de sofrimento. Seus olhos ficaram paralisados, sentia-se o coração pulsando, mas a sua respiração foi sumindo até morrer. **Morreu por asfixia.** Dessa forma, e também pela salvação que o índio fez com a pasta de **urari** para melhor diluição no sangue do animal, verifiquei que o curare não é propriamente um veneno, e sim um poderoso anestésico. Acredito mesmo que, se houvesse possibilidade de praticar-se respiração artificial na vítima do curare, até que passasse o efeito, ela se salvaria.)

Foi uma caçada razoável. A noite, regressamos à aldeia, onde fomos muito cumprimentados. Os Tukuna confirmaram minhas observações, pois, durante toda a noite, em grande festa regada a **caxiri** e **caapi**, comeram os macacos e o veado. E não houve qualquer problema. (Inteirei-me de que, ao pretenderem envenenar mesmo, eles adicionam ao **urari** outros venenos, o que é muito comum na preparação de campanhas — guerras. Para se distinguir os dardos e flechas realmente envenenados dos que são utilizados na caça, os índios usam tinturas de frutas ou raízes para tingir a paina que os envolve. Esses venenos complementares geralmente são de cobra, vegetais (timbó, tingui, mata-cavalo e papo-de-anjo) e de certa rã venenosíssima, a *Phillobatis bicolor*. O **urari** não é usado na pesca).

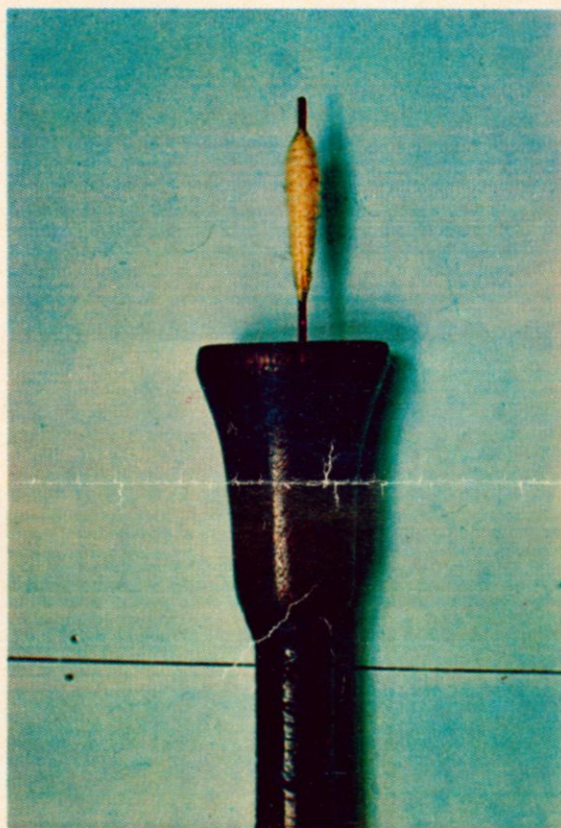
#### ORIGEM DO CURARE

Passel dez dias com os Tukuna, que são índios isolados, sem grupo lingüístico, e que tiveram sempre como maiores inimigos os Jivas, da Colômbia, famosos pelos trabalhos de redução de

# CURARE

As zarabatanas  
são instrumentos de  
muita precisão  
e possuem, inclusive,  
alça de mira

DARDO NA PONTA DA ZARABATANA.



ALJAVA, PARA GUARDAR OS DARDOS.



crânio (são caçadores de cabeças). Poucas informações obtive sobre as origens do curare.

Em minhas pesquisas posteriores, cheguei à indicação de que a primeira utilização do curare é atribuída aos índios Maku, ainda não classificados quanto ao seu grupo lingüístico. Esses índios, de estágio cultural inferior, são muito combatidos pelos outros grupos e, na sua maioria, escravizados, por serem bons caçadores, muito trabalhadores e se sujeitarem com facilidade à escravidão. Mostram-se até felizes quando adotados pelos inimigos. Com o aprisionamento de Makus, outras tribos conheceram e passaram a usar o curare. Um velho Maku explicou-me que o curare, como veneno, foi descoberto por acaso. O cipó era usado como remédio para dores de barriga e cólicas (relaxante) e bebido nas festas (alucinógeno). Um dia, um índio se feriu quando estava preparando a bebida, morrendo logo depois. Daí eles pressentiram o efeito mortífero, mas "um veneno que mata de mansinho".

O curare é utilizado pelos índios do Alto Amazonas e os da Colômbia, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Nestes países, dão-lhe diferentes denominações: os Jivas ou Jivagos chamam de **iguanche**; os Canelas ou Quixos, do Rio Napo, de **supai**; os Quichuas, **pukuna**; os Aruak, **Makuri**; e os Tamanaque, **maraná**. No Brasil, os Tukuna, Aruak, Baniwa, Makuxi, Auptxana, Uitoto e Maku chamam-no de **ramon**, **pani** ou **urari**. (As afirmações de que os Nhambiquara e Parecis, de Mato Grosso, faziam uso do curare não têm qualquer fundamento, pois jamais foi registrado qualquer caso de envenenamento nessa região pela utilização desse produto. É possível que esses índios tenham feito uso de outros tipos de venenos, principalmente de animal, mas, mesmo assim, não há qualquer registro.)

O veneno tem quatro classificações: 1 — o do Alto Amazonas tem por base o *Strychnos castelnuai*; 2 — o do Alto Orinoco baseia-se no *Strychnos cubleni*; 3 — o do Suriname é feito do *Strychnos toxifera*, associado com *achomburgkii* e *cogens*; 4 — o da Guiana usa o *Strychnos crevauxiana*. Esta é a base, mas algumas tribos procuram dificultar a identificação, misturando alguns ingredientes considerados mágicos.

O curare está sendo estudado por técnicos brasileiros e estrangeiros e já foi testado, no Brasil, sobretudo por veterinários, como anestésico para cirurgias em animais, que exigem corte profundo.

Naturalmente, uma modesta contribuição dos indígenas à nossa civilização.